

## **“E ESTA SOU EU”: O PAPEL DOS SUJEITOS NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO**

TERESA OLIVEIRA

(Escola Superior de Educação de Portalegre / Centro de Linguística da Universidade  
Nova de Lisboa, CLUNL)\*

*ABSTRACT: Within the theory of predicative and enunciative operations, an utterance is referentially located in relation to a system of enunciative coordinates, consisting of two principal coordinates: the subjective coordinate and the spatio-temporal coordinate. The subject is constructed at different levels by enunciative operations.*

*This paper aims at clarifying the role of subjects in textual construction. Based on an excerpt from Memorial do Convento by José Saramago, it will try, through the identification of linguistic markers of different subjective instances, to understand the relationships between the various subjects that intersect in the text and clarify the role that the subjects play in the construction of the text.*

*KEYWORDS: subject; enunciative operations; textual construction.*

### **1. Enquadramento teórico**

No quadro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, um enunciado é localizado referencialmente em relação a um sistema de coordenadas enunciativas, ou Situação de Enunciação origem ( $Sit_0$ ), constituído por duas coordenadas principais: a coordenada subjetiva ( $S_0$ ) e a coordenada espaço-temporal ( $T_0$ ). A localização referencial é assegurada pela operação de localização abstrata, que estabelece uma relação entre dois termos: um localizador (termo estabilizado enunciativamente, ou determinado) e um localizado, a que o primeiro confere determinação. Dados dois termos  $x$  e  $y$ , respetivamente, localizador e localizado, a relação entre eles pode ser lida de duas maneiras:  $y$  está localizado em relação a  $x$  (notada  $y \underline{\in} x$ ) e  $x$  serve de

---

\* Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/LIN/UI3213/2011.

localizador a y ( $x \ni y$ ).  $\in$  representa o operador de localização abstrata e  $\ni$  o seu dual. A operação de localização abstrata pode assumir diferentes valores: identificação ( $=$ ), diferenciação ( $\neq$ ), rutura ou não localização ( $\omega$ ) e um valor compósito, estrela (\*), “que corresponde a todos ou a alguns dos outros” (Campos, 1998: 19), a saber, “ni identique ni différent, ou identique ou différent (c’est-à-dire:  $\omega$  ou  $=$  ou  $\neq$ )” (Culioli, [1980] 1999: 130).

O sujeito é construído através de operações enunciativas que o instituem em diferentes níveis: sujeito enunciador e coenunciador, sujeito locutor, sujeito do enunciado, entre outros (cf. Culioli, [1987] 1990: 116; Campos, 1998: 25-33). As várias instâncias subjetivas presentes num enunciado estabelecem relações de localização entre elas, de forma a construírem cadeias de referência que as estabilizam enunciativamente.

A primeira instância subjetiva é o sujeito enunciador origem ( $S_0$ ): “o sujeito enunciador  $S_0$ , ao instituir-se como tal num tempo  $T_0$ , define uma situação de enunciação  $Sit(S_0, T_0)$ , e, a partir desta, constrói um sistema referencial que é condição e, simultaneamente, consequência da própria enunciação” (Campos, 1998: 25). O sistema referencial integra ainda os parâmetros  $S_1$  e  $S_2$ , respetivamente, sujeito locutor e sujeito do enunciado. O estatuto de  $S_1$  e a sua relação com  $S_0$  podem ser assim sintetizados:

Metalinguisticamente, é na situação de locução [ $Sit(S_1, T_1)$  ou  $Sit_1$ ] – situação enunciativa construída a partir de, e localizada em relação a,  $Sit_0$  –, que é assumida a ‘validação’ da relação predicativa (...). É  $S_1$  que declara a relação predicativa verdadeira ou não verdadeira em diferentes graus.  $S_0$  é um parâmetro primitivo, o enunciador origem que funda a instância de enunciação;  $S_1$  é um parâmetro construído, o locutor que é responsável pelo acontecimento linguístico, assumindo-o com determinado valor modal (...).

Campos (1998: 26)

$S_2$ , sujeito do enunciado, é construído, igualmente, na enunciação. Sendo localizado em relação a  $S_0$ , podem estabelecer-se, entre estes dois parâmetros, relações de localização com diferentes valores, a que correspondem marcadores linguísticos distintos:

Por exemplo, para a categoria gramatical ‘pessoa’: sendo  $S_2$  – sujeito do enunciado – o termo localizado, e  $S_0$  – sujeito enunciador origem – o termo localizador, [o valor do operador metalinguístico de localização] é ( $S_2 \in S_0$ ). O pronome da primeira pessoa gramatical (“eu”) marca uma relação de identificação ( $S_2 = S_0$ ); o pronome da segunda pessoa (“tu”) marca uma relação de diferenciação ( $S_2 \neq S_0$ ); o pronome da terceira pessoa (“ele”) marca a não localização ( $S_2 \omega S_0$ ), e, finalmente, o pronome genérico (“se”) representa uma variável à qual podem ser atribuídos os outros valores ( $S_2 * S_0$ ) (“Então, vai-se ao cinema esta tarde ou não?”, “Apesar das campanhas anti-tabágicas, fuma-se cada vez mais”, etc.).

Campos (1998: 33)

Uma relação de diferenciação, como a existente em ( $S_2 \neq S_0$ ), pressupõe a construção linguística do coenunciador (notado  $S'_0$ ), o ‘outro’ na relação enunciativa.

Um texto de tipo narrativo, como aquele que aqui estará em causa, joga, habitualmente, com a identificação entre o sujeito enunciador ( $S_0$ ) e o narrador, que assim se assume como localizador último de qualquer enunciado. Porém, num texto narrativo, nem todos os enunciados são assumidos pelo narrador, na medida em que há enunciados que são atribuídos a personagens. “Deste modo, num enunciado apenas atribuído ao Narrador este é o único sujeito localizador enquanto que num enunciado atribuído a uma personagem, o Narrador é um segundo sujeito localizador” (Moreno, 2005: 205), porque é ele que empresta a voz à personagem, que a institui como um  $S_1$ . É importante, para o efeito, retomar aqui a distinção entre  $S_0$  e  $S_1$ . Nas palavras de Moreno (2005: 205, nota 273):

Recuperando a distinção entre sujeito enunciador (localizador último não marcado no enunciado) e sujeito locutor (sujeito que assume, validando ou não, a relação predicativa), um enunciado atribuído exclusivamente ao Narrador é localizado a partir de um sujeito enunciador que se identifica com o sujeito locutor e um enunciado atribuído a uma personagem é localizado a partir de um sujeito locutor (a personagem) que se diferencia do sujeito enunciador (o Narrador).

As diferentes operações de localização abstrata estão na base do jogo intersubjetivo definido entre os sujeitos, que se manifesta através de reajustamentos que estabelecem a aproximação entre o EU-TU (identificação/diferenciação) e a distanciação com o ELE (rutura). Esses reajustamentos intersubjetivos são marcados por formas linguísticas (pronomes pessoais, sobretudo, mas também outras formas que remetem para os mesmos valores) (Correia, 2005: 256).

## 2. Os sujeitos no texto

O texto em análise (Saramago, [1982] 1984: 52-53, reproduzido em anexo) funciona como uma unidade textual perfeitamente delimitada dentro da narrativa. Nele assume especial relevância o cruzamento de vários sujeitos, quer ao nível da enunciação, quer ao nível do enunciado.

Os sujeitos presentes no texto são um primeiro narrador, um segundo narrador, algumas personagens, com diferentes graus de importância e de intervenção na narrativa (Blimunda, Baltazar, o padre Bartolomeu Lourenço, Sebastiana Maria de Jesus, Simeão de Oliveira e Sousa, Domingos Afonso Lagareiro e o padre António Teixeira de Sousa) e alguns figurantes, agrupados em designações plurais ou coletivas (“povinho”, “mulheres”, “frades”, “procissão”). Estes sujeitos são marcados linguisticamente por uma variedade de pronomes pessoais, de possessivos, de deíticos e de desinências verbais. Constroem cadeias de referência e são enunciativamente estabilizados

através das diferentes relações de localização que estabelecem uns com os outros.

O primeiro narrador funciona como sujeito enunciador origem ( $S_0$ ) e, simultaneamente, como sujeito locutor ( $S_1$ ), estabelecendo-se entre estes dois sujeitos uma relação de identificação ( $S_1 = S_0$ ). Tem voz no texto em dois momentos distintos, intercalados por outros momentos em que outros sujeitos assumem a palavra: o primeiro, no início do excerto (linhas 1 a 4 do anexo), serve para situar a narrativa, através da descrição da situação, feita no presente do indicativo; o segundo, entre as linhas 32 e 35, faz a gestão do discurso das personagens, usando o pretérito perfeito simples do indicativo: “e Blimunda disse ao padre, (...) e depois, voltando-se para o homem alto que lhe estava perto, perguntou, (...) e o homem disse, naturalmente, (...)”.

É o narrador, como sujeito enunciador origem, que vai servir de localizador às personagens que introduz e ao segundo narrador. Estas localizações têm um valor de rutura ( $\omega$ ), marcada pelas formas de terceira pessoa usadas para referir as personagens: “Grita o povinho”, “guincham as mulheres”, “Blimunda disse ao padre”, por exemplo.

A passagem de palavra ao segundo narrador funciona igualmente como uma rutura, não havendo marcadores linguísticos que a anunciem. A partir da linha 4, nota-se uma diferença no registo da narração, com a qual o locutor assume maior proximidade, através da utilização de deíticos (“aquele que ali vai”, “e aquele”, “e aquele”), de apartes e avaliações de carácter pessoal e subjetivo (“raro se viu confusão assim”, “deveria ser um direito do homem escolher o seu próprio nome”, “um nome não é nada”, “imagine-se, como se tivesse sido ele o primeiro”, “decerto começando na palavra do confessionário”, por exemplo, entre as linhas 6 e 14) e da utilização de formas de primeira pessoa (“e esta sou eu”, linha 15). Esta diferença de registo é suficiente para identificar uma nova voz, um novo sujeito, que, em rutura com o sujeito enunciador origem, se assume como um novo sujeito locutor ( $S_1^b \omega$  ( $S_1 = S_0$ ), em que o índice b serve para distinguir o segundo locutor do primeiro).

Ambos os locutores se assumem como testemunhas dos factos narrados, o que é patente no uso do presente do indicativo, como presente de reportagem, marcando a simultaneidade entre o momento da locução e os factos narrados (“Grita o povinho”, “guincham as mulheres”, “aquele que ali vai é Simeão de Oliveira e Sousa”, etc.). Porém, o uso dos marcadores deíticos confere ao segundo locutor um estatuto de participante, que não tem o primeiro locutor.

A partir da primeira utilização da primeira pessoa gramatical, o segundo sujeito locutor vai estabelecer uma relação de identificação com uma personagem, sujeito do enunciado, Sebastiana Maria de Jesus ( $S_2^b$ , mantendo o índice b, para facilitar a leitura). Esta identificação é marcada linguisticamente pelas formas de primeira pessoa (ou com ela relacionadas) que se sucedem e que são: pronomes pessoais, em diversas funções sintáticas (“eu”,

“repreenderam-me”, “disseram-me”, “mim”, “comigo”), demonstrativos (“esta”, “aqui”), possessivos (“meu”, “minha”, “minhas”) e desinências verbais (“sou”, “vou”, “tenho”, “sei”, “ouço”, “ouvi”, “verei”, etc.). A cadeia de localizações estabelecida entre os sujeitos até aqui levantados pode ser representada da seguinte forma:  $(S_2^b = (S_1^b \omega (S_1 = S_0)))$ .

Este sujeito ( $S_2^b = S_1^b$ ) serve também de localizador às outras personagens (sujeitos do enunciado) que vão sendo introduzidas. Esta localização pode ter valor de rutura, marcada por formas de terceira pessoa: “quem comigo vai nesta procissão”, “minha filha, é seu nome Blimunda”, “ao lado dela está o padre Bartolomeu Lourenço”, “e aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda”. A localização tem também valor de diferenciação, nos “diálogos interiores” que Sebastiana enceta, primeiro com Blimunda (“onde de mim, aqui há-de vir saber da tua mãe”, linha 22), depois consigo mesma (“ó coração meu, salta-me no peito”, linha 24; “que vai ser deles, poder meu”, linha 31). Essa diferenciação é marcada pelas formas de segunda pessoa gramatical (“há-de vir”, “tua mãe”, “eu te verei”, “estiveres”, “salta-me no peito”, “não fales”, “olha só”, “esses teus olhos”, “adeus Blimunda que não te verei mais”, etc.).

Blimunda, de sujeito do enunciado ( $S_2^c$ ), passa a coenunciador de Sebastiana (notado  $S_1^b$ ), quando esta se lhe dirige na segunda pessoa gramatical ( $S_1^b \neq S_1^b$ ). Por outro lado, Blimunda serve também de ponto de partida para a estabilização referencial das personagens padre Bartolomeu Lourenço ( $S_2^d$ ) e Baltazar ( $S_2^e$ ), que Sebastiana constrói com base em critérios espaciais que têm Blimunda como ponto de referência: “ao lado dela está o padre Bartolomeu Lourenço” (linha 29), “aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda” (linhas 30-31).

Depois de construída e estabilizada em relação a Sebastiana, Blimunda ganha voz própria, tornando-se um novo sujeito locutor que se dirige, primeiro, ao padre Bartolomeu Lourenço (“Ali vai minha mãe”, linha 33) e interpela, depois, Baltazar (“Que nome é o seu”, linha 34). Este novo sujeito locutor é identificado com a personagem Blimunda, através da marca de primeira pessoa (“minha mãe”).

Blimunda faz assim parte de diferentes cadeias referenciais, a saber:  $(S_2^c \omega (S_1^b \omega (S_1 = S_0)))$ ,  $(S_1^b \neq (S_1^b \omega (S_1 = S_0)))$  e  $(S_2^c = (S_1^c \omega (S_1^b \omega (S_1 = S_0))))$ , respetivamente, sujeito do enunciado em rutura com o segundo locutor, colutor diferenciado do segundo locutor e sujeito do enunciado identificado com o terceiro locutor.

Baltazar é outro sujeito do enunciado com um percurso muito semelhante ao de Blimunda: é construído por Sebastiana, em relação a quem é localizado por rutura (“aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda”, linhas 30-31), é adotado por Blimunda como seu interlocutor (“Que nome é o seu”, linha 34) e, finalmente, ganha voz própria, como um novo locutor, identificado com a personagem já estabilizada (“Baltazar Mateus, também me chamam Sete-Sóis”, linha 35).

### 3. O texto na construção dos sujeitos e os sujeitos na construção do texto

O texto analisado tem, entre outras, a função de introduzir na obra duas personagens centrais: Blimunda e o padre Bartolomeu Lourenço. Baltazar, a última personagem a ser introduzida neste texto, era, curiosamente, a única das personagens principais que tinha já sido construída e estabilizada enunciativamente na obra. Surge, pela primeira vez, construída pelo sujeito enunciativo, em relação ao qual estabelece uma relação de localização por rutura: “Este que por desafrontada aparência, sacudir da espada e desparelhadas vestes, ainda que descalço, parece soldado, é Baltasar Mateus, o Sete-Sóis” (Saramago, [1982] 1984: 35).

O narrador, sujeito enunciativo, assume, frequentemente na obra, um estatuto de observador presencial do desenrolar da ação. De facto, a enunciação coincide, no espaço e no tempo, com o desenrolar da ação, o que é marcado pelo uso de formas verbais com valor de simultaneidade em relação ao tempo da enunciação (como é o caso do presente do indicativo) ou de relações temporais de anterioridade ou posterioridade que têm como localizador o presente da enunciação. O texto é, igualmente, rico em expressões com valor deíctico que marcam essa sobreposição de planos. A localização espaço-temporal do enunciado relativamente à enunciação é construída no início da obra: “D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje ainda não emprenhou” (Saramago, [1982] 1984: 11).

O narrador também exhibe, em alguns trechos, uma atitude de proximidade com o narratário, seu coenunciador, patente nas formas de primeira pessoa, que marcam uma relação de identificação: “Baltasar não tem espelhos, a não ser estes nossos olhos que o estão vendo a descer o caminho lamacento para a vila (...)” (Saramago, [1982] 1984: 326). Ou ainda:

Este que por desafrontada aparência, sacudir da espada e desparelhadas vestes, ainda que descalço, parece soldado, é Baltasar Mateus, o Sete-Sóis. Foi mandado embora do exército por já não ter serventia nele, depois de lhe cortarem a mão esquerda pelo nó do pulso, estraçalhada por uma bala em frente de Jerez de los Caballeros, na grande entrada de onze mil homens que fizemos em Outubro do ano passado e que se terminou com perda de duzentos nossos e debandada dos vivos, acossados pelos cavalos que os espanhóis fizeram sair de Badajoz.

Saramago ([1982] 1984: 35)

É neste registo de proximidade com a ação que se enquadra a introdução da personagem Baltazar, através de um demonstrativo relacionado com a primeira pessoa (“*este*”). Assim construído, estabilizado enunciativamente e situado, este sujeito é retomado anaforicamente por Sebastiana, que, enquanto sujeito locutor, constrói a interrogativa parcial: “aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda” (anexo, linhas 30-31). A relação

predicativa que *lhe* é subjacente é não saturada, na medida em que um dos seus lugares não foi preenchido. Caberá ao colocutor preencher o lugar vazio com um dos elementos da classe aberta de ocorrências abstratas passíveis de saturar a relação predicativa, que poderá, assim, ser validada (Campos & Xavier, 1991: 345).

Porém, o colocutor de Sebastiana é virtual, é um desdobramento de si mesma: “e aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda e não sabe, ai que não sabe quem é ele, donde vem, que vai ser deles, poder meu, pelas roupas soldado, pelo rosto castigado, pelo pulso cortado” (linhas 30-32). É Blimunda quem se vai apropriar da interrogação, mas, não a podendo saturar (“ai que não sabe quem é ele”), assume-se como sujeito locutor e interpela Baltazar, com nova interrogativa parcial: “Que nome é o seu” (linha 34). É então Baltazar que satura e valida a relação predicativa (“Baltazar Mateus, também me chamam Sete-Sóis”, linha 35), concluindo o processo anafórico iniciado por Sebastiana.

É só chegando ao fim do excerto analisado que se compreende que a cadeia de localizações construída tem como fim relacionar as restantes personagens com Baltazar, personagem já anteriormente construída e estabilizada enunciativamente. Em última análise, Sebastiana é a mãe de Blimunda, que é a mulher que está perto de Baltazar, ou seja, Baltazar era a referência que faltava para reconstituir a cadeia de localizações. Baltazar, que é, no excerto analisado, o último elemento na cadeia, revela-se, afinal, o localizador de base das restantes personagens, que permite situá-las na obra.

O excerto analisado é, pois, central para a construção das personagens principais, que são construídas umas a partir das outras, através de cadeias de localizações. A construção dos sujeitos reflete, em última análise, a construção do texto e da própria obra.

### Referências bibliográficas

- Campos, Maria Henriqueta Costa (1998). *DEVER e PODER. Um subsistema modal do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/INICT.
- Campos, Maria Henriqueta Costa & Maria Francisca Xavier (1991). *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Correia, Clara Nunes (2005). A negação do Tempo. In: Dulce Carvalho, Dionísio Vila Maior & Rui de Azevedo Teixeira (eds.) *Des(a)fiando Discursos. Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 255-263.
- Culioli, Antoine ([1980] 1999). Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l’aoristique. In *Pour une linguistique de l’énonciation II*. Paris: Ophrys, 127-143.
- Culioli, Antoine ([1987] 1990). Formes schématiques et domaine. In *Pour une linguistique de l’énonciation I*. Paris: Ophrys, pp. 115-126.

Moreno, António (2005). *Aspectos da Negação no Português: Uma Abordagem Enunciativa*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.

Saramago, José ([1982] 1984). *Memorial do Convento*. 8.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Caminho.

### Anexo

1 Grita o povinho furiosos impropérios aos condenados, guincham as mulheres  
debruçadas dos peitoris, alanzoam os frades, a procissão é uma serpente enorme que não  
cabe direita no Rossio e por isso se vai curvando e recurvando como se determinasse  
chegar a toda a parte ou oferecer o espectáculo edificante a toda a cidade, aquele que ali  
5 vai é Simeão de Oliveira e Sousa, sem mester nem benefício, mas que do Santo Ofício  
declarava ser qualificador, e sendo secular dizia missa, confessava e pregava, e ao mes-  
mo tempo que isto fazia proclamava ser herege e judeu, raro se viu confusão assim, e  
para ser ela maior tanto se chamava padre Teodoro Pereira de Sousa como frei Manuel  
da Conceição, ou frei Manuel da Graça, ou ainda Belchior Carneiro, ou Manuel Lencas-  
10 tre, quem sabe que outros nomes teria e todos verdadeiros, porque deveria ser um direito  
do homem escolher o seu próprio nome e mudá-lo cem vezes ao dia, um nome não é  
nada, e aquele é Domingos Afonso Lagareiro, natural e morador que foi em Portel, que  
fingia visões para ser tido por santo, e fazia curas usando de bênçãos, palavras e cruzes,  
e outras semelhantes superstições, imagine-se, como se tivesse sido ele o primeiro, e  
15 e aquele é o padre António Teixeira de Sousa, da ilha de S. Jorge, por culpas de solicitar  
mulheres, maneira canónica de dizer que as apalpava e fornicava, decerto começando na  
palavra do confessor e terminando no acto recato da sacristia, enquanto não vai  
corporalmente acabar em Angola, para onde irá degredado por toda a vida, e esta sou eu,  
Sebastiana Maria de Jesus, um quarto de cristã-nova, que tenho visões e revelações, mas  
20 disseram-me no tribunal que era fingimento, que ouço vozes do céu, mas explicaram-me  
que era efeito demoníaco, que sei que posso ser santa como os santos o são, ou ainda  
melhor, pois não alcanço diferença entre mim eles, mas repreenderam-me de que isso é  
presunção insuportável e orgulho monstruoso, desafio a Deus, aqui vou blasfema, heré-  
tica, temerária, amordaçada para que não me ouçam as temeridades, as heresias e as  
25 blasfémias, condenada a ser açoitada em público e a oito anos de degredo no reino de  
Angola, e tendo ouvido as sentenças, as minhas e mais de quem comigo vai nesta pro-  
cissão, não ouvi que se falasse da minha filha, é seu nome Blimunda, onde de mim, aqui  
hás-de vir saber da tua mãe, e eu te verei se no meio dessa multidão estiveres, que só  
para te ver quero agora os olhos, a boca me amordaçaram, não os olhos, olhos que não  
30 te viram, coração que sente e sentiu, ó coração meu, salta-me no peito se Blimunda aí  
estiver, entre aquela gente que está cuspidando para mim e atirando cascas de melancia e  
imundícies, ai como estão enganados, só eu sei que todos poderiam ser santos, assim o  
quisessem, e não posso gritá-lo, enfim o peito me deu sinal, gemeu profundamente o  
coração, vou ver Blimunda, vou vê-la, ai, ali está, Blimunda, Blimunda, Blimunda, filha  
35 minha, e já me viu, e não pode falar, tem de fingir que me não conhece ou me despreza,  
mãe feiticeira e marrana ainda que apenas um quarto, já me viu, e ao lado dela está o  
padre Bartolomeu Lourenço, não fales, Blimunda, olha só, olha com esses teus olhos  
que tudo são capazes de ver, e aquele homem quem será, tão alto, que está perto de  
Blimunda e não sabe, ai que não sabe quem é ele, donde vem, que vai ser deles, poder  
meu, pelas roupas soldado, pelo rosto castigado, pelo pulso cortado, adeus Blimunda  
que não te verei mais, e Blimunda disse ao padre, Ali vai minha mãe, e depois, voltan-  
do-se para o homem alto que lhe estava perto, perguntou, Que nome é o seu, e o homem  
disse, naturalmente, assim reconhecendo o direito de esta mulher lhe fazer perguntas,  
Baltasar Mateus, também me chamam Sete-Sóis.

Saramago ([1982] 1984: 52-53)